

O fenômeno da escassez em Sartre: um encaminhamento para um sentido moral

Le phénomène de rareté en Sartre: vers un sens moral

KÁTIA MARIAN CORRÊA¹

Resumo: No presente artigo tem-se o principal objetivo de explicitar o fenômeno da escassez apresentando por Sartre em sua obra tardia *Crítica da Razão Dialética* (1960). Levando em consideração o pano de fundo histórico e marxista que Sartre volta-se na obra em questão, período em sua vida em que foi ativo socialmente, fez parte de movimentos políticos e engajou-se por meio da escrita e de problemas concretos da Sociedade Francesa. Isso reflete-se diretamente em sua filosofia, visto que na Crítica, Sartre volta-se para as relações entre os indivíduos, os grupos sociais, as interações do homem com a materialidade em que se encontram, os principais problemas que encontram, um deles é o fenômeno da escassez, entre outros. Tratando-se especificamente da escassez, essa representa um lugar central para pensar a necessidade que existe de antemão do Para-si, por já estar no mundo enquanto um ser faltante. Visto que o mesmo não se trata de um Em-si, com uma essência definida, mas de um projeto a ser constituído, mas nunca fechado, sempre aberto as possibilidades, a contingência e dentro de um contexto histórico. E a escassez é marcada pela falta ou necessidade indissolúvel, a tese principal é de que *não há recursos suficientes para todos*. Eis uma ameaça iminente e a qual não se tem como escapar, a qual o Outro sendo meu semelhante, torna-se um inimigo, pois coloca em questão a minha própria vida e segurança. É nesse sentido que o homem é considerado um não humano, perdendo sua humanidade, perdendo a sua dignidade, em que a coisificação do homem é maior do que sua liberdade, seu senso de responsabilidade. Esse novo sentido que passa a ser desvelado suscita um problema moral, em que é necessário refletir a ordem humana, a fim de que se resgate a humanidade esvaída na Sociedade imersa em consumo, produção, trabalho e bens materiais.

Palavras-chave: Fenômeno. Escassez. Sartre. Moral.

Resumé: Cet article a pour principal objectif d'expliquer le phénomène de rareté présenté par Sartre dans son dernier ouvrage *Critique de la Raison Dialectique* (1960). Compte tenu du contexte historique et marxiste vers lequel Sartre se tourne dans l'oeuvre en question, période de sa vie où la foi est active et sociale, il a fait partie de mouvements politiques et s'est engagé à travers l'écriture et les problèmes concrets de la Société française. Cela se

¹ Possui Graduação em Filosofia-Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria (2013). Realizou o Estágio Curricular Supervisionado na Escola Cilon Rosa (2013), possui Mestrado em Filosofia na Área de Fenomenologia e Compreensão com a Defesa de Dissertação Intitulada "Liberdade de Palavra: Uma Leitura Ética do Existencialismo Sartriano (2016). Foi professora de Filosofia e Ensino Religioso no Colégio Antônio Alves Ramos para o Ensino Fundamental dos 6 aos 9 anos (2016). Em 2018 lecionou no cursinho de aulas particulares na Contexto - PBF com aulas de Filosofia e Sociologia. É Técnica em Estética pela Escola Técnica Albert Einstein - SEG (outubro de 2019), realizou o Estágio de Estética Facial e Corporal na Empresa Mahayla Pilates e no Clube Recreativo Dores. Atualmente é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia na UFSM, na linha de pesquisa Fenomenologia e Compreensão, com a temática da afetividade na fenomenologia de Edmund Husserl e Michel Henry. E-mail: katiamarianc@gmail.com

reflète directement dans sa philosophie, puisque dans la Critique, Sartre se tourne vers les relations entre les individus, les groupes sociaux, les interactions de l'homme avec la matérialité dans laquelle il se trouve, les principaux problèmes qu'ils rencontrent, l'un d'eux est le phénomène de la rareté entre autres. Dans le cas spécifique de la rareté, cela représente un lieu central pour réfléchir au besoin que existe au préalable pour Para-si, car il est déjà dans le monde comme un être disparu. Puisqu'il ne s'agit pas d'un En-soi, avec une essence définie, mais d'un projet à constituer, mais jamais clos, toujours ouvert comme possibilités, contingence et dans un contexte historique. Et la rareté est marquée par le manque ou le besoin indissoluble, la thèse principale est qu'il n'y a pas assez de ressources pour tout le monde. Voici une menace imminente et à laquelle on ne peut échapper, dont l'autre étant mon prochain, devient un ennemi, car il remet en question ma propre vie et ma sécurité. C'est en ce sens que l'homme est considéré comme un non-humain, perdant son humanité, perdant sa dignité, dans laquelle l'objectivation de l'homme est plus grande que sa liberté, sans sens des responsabilités. Ce nouveau sens qui se dévoile pose un problème moral, dans lequel il est nécessaire de refléter l'ordre humain, pour sauver l'humanité perdue dans la société plongée dans la consommation, la production, le travail et les biens matériels.

Mots-clé: Phénomène. Rareté. Sartre. Moral.

Introdução

Neste trabalho visa-se apresentar de uma maneira mais geral o elemento denominado *Escassez* do filósofo francês Jean Paul-Sartre abordado em sua obra *Crítica da Razão Dialética*. Parte-se da seguinte maneira, em um primeiro momento remonta-se as considerações de Sartre frente ao fenômeno da escassez, explicitando como o mesmo se dá dentro da Sociedade, das implicações que resulta, das relações entre os indivíduos ao conviverem com a necessidade e falta de recursos, a tentativa de ultrapassar a escassez, essa que se apresenta como constituinte material e histórica dos indivíduos. Visto a mesma causar alguns apontamentos concretos dentro da ordem do existente humano, acaba por implicar na perda em certo sentido do que se entende por humano e sua humanidade, ou seja, o que faz com que seja quem é, não em intuito de definição, mas que marca sua presença de seu ser aí no mundo, enquanto condenado a sua liberdade, responsável por si, pelos outros e por toda a humanidade, enquanto um projeto a se fazer por meio de suas escolhas e ações. Colocando isso em uma ordem encoberta ou esvaída pela coisificação das massas, dos bens de produção, do capitalismo, da fome, da miséria, da luta contra esses agravantes que colocam em risco e ameaçam a existência real e concreta no mundo. O que por consequência remete a um sentido moral, e é esse o ponto de um segundo momento do artigo,

remontar as teses de Sartre em que o filósofo salienta a consideração de uma moral que se volte a pensar na possibilidade de uma construção subjetiva e coletiva diante dessas condições contingentes, que seja ativa e transformadora, que contenha a história e a luta humana. Não reduzindo-se a uma moral abstrata, não normativa e nem utilitarista, e sim que leve em consideração a ação de cada indivíduo, que refletirá por consequência na ação de todos, de toda a humanidade. Nesse processo de um desenvolvimento de refletir a respeito da escassez e de uma possível moral sartreana, utiliza-se como texto base a *Crítica da Razão Dialética* (1960), obra essa de um período mais maduro de Sartre. Utiliza-se outras obras de Sartre como *O Existencialismo é um Humanismo*, *Os cadernos para uma moral*, *O ser e o Nada*, e alguns comentadores, a fim de enriquecer a reflexão acerca da temática da escassez e de um sentido moral pensado por Sartre.

A escassez em Sartre

A escassez humana é condição básica entre o homem e a natureza, é ela que permite a interação de ambos. É por meio da mesma que nos tornamos humanos a fim de criarmos a história. Tal relação trata-se de um elemento concreto no mundo, que dá significado a vivência dos indivíduos, que pode ser herdada e passada de geração a geração por meio de fatores sociais, políticos, econômicos. É um dilema real e infinito entre o ser humano e o meio ambiente, mesmo que a tentativa humana seja de ultrapassá-la. A respeito da escassez, na obra *Crítica da Razão Dialética* Sartre diz que “*não existe o suficiente para todo o mundo.*” (1985, p. 227, grifos do autor). Nos grupos sociais, a escassez se manifesta, na relação entre as forças produtoras de trabalho e as relações de produção, é nesse contexto coletivo que pode se manifestar. “E cada um é, assim, constituído em sua objetividade por si próprio e por todos.” (Ibid. p. 230). É na sociedade que os seres são vistos como números, como uma serialidade, existem vários exemplos que podem ser dados: Sartre destaca a taxa de natalidade na China, em que é impossível manter uma taxa de população, se tiver uma superação de uma taxa nos meios de produção. É assim que conforme, Sartre:

[...] o homem constitui-se como Outro que não o homem. Para cada um, o homem existe enquanto homem inumano ou, se preferirmos, como espécie estranha. E isso não significa necessariamente que o conflito seja interiorizado e vivido já sob forma de luta pela vida, mas somente que a simples existência de cada um é definida pela escassez como risco constante de não-existência para um outro e para todos. (Ibid., p. 230).

Uma vez que a escassez existe, que as condições e meios não abarcam o todo, acarretando em fome, miséria, desemprego, morte, violência entre tantos agravantes, cada homem torna-se um estranho e uma ameaça a outro homem. Acabam passando de semelhantes, que sofrem, padecem e lutam pelos mesmos interesses, para uma competição de quem sobreviverá, de quem conseguirá se manter nas mínimas formas de existir. Então, o homem deixa de ser visto como humano, mas enquanto um estranho que me afronta, que coloca em risco a minha vida. A tentativa é de aniquilação, de reduzir o outro justamente em um outro, quase como um estrangeiro. Mas, vale ressaltar nas palavras de Sartre, que essa inumanidade não é própria da natureza humana, ela não é normal, não é condição de sua existência., é resultante de um sistema complexo. Para que exista a relação humana por meio da escassez, é necessário a relação recíproca entre os seres, posto que não é somente o outro que é uma ameaça, eu também sou.

4

Conforme Sartre, a escassez aponta uma perspectiva ética:

Ela a [escassez] é, de qualquer maneira, seja qual for a Sociedade, a matriz abstrata e fundamental de todas reificações das relações humanas. É ao mesmo tempo, o primeiro estágio da ética, enquanto esta não é senão a práxis iluminando-se a si mesma a partir de determinadas circunstâncias. O primeiro movimento da ética, aqui, é a constituição do mal radical e do maniqueísmo. (SARTRE, 1985 p. 230, tradução nossa)².

Assim a ética segundo Sartre, trata-se de fundamentar o mal extremo e explicitar se algo é bom ou mal. E além disso ele nos diz:

² Na língua original da obra *Crítica da Razão Dialética*: Elle [la rareté] est, en tout cas, quelle que soit la Société, la matrice abstraite et fondamentale de toutes les réifications des relations humaines. C'est, en même temps, la première étape de l'éthique, alors que ce n'est rien d'autre qu'une praxis s'éclairant de certaines circonstances. Le premier mouvement éthique ici est la constitution du mal radical et du manichéisme. (SARTRE, 1985 p. 230).

No próprio nível da necessidade pela necessidade, consideramos que a escassez é vivida praticamente pela ação maniqueísta e que a ética se manifesta como imperativo destrutivo: *é necessário* destruir o mal. É nesse nível, igualmente, que se deve definir a *violência* como estrutura da ação humana sob o reino do maniqueísmo e no âmbito da escassez. (Ibid., p. 231-232).

A violência faz parte como estrutura da Sociedade, das relações entre os homens, uma vez que existe a escassez, por necessidade, por questão natural, é primordial e inescapável lutar contra o mal. Vale dizer que por violência a que remete ao Outro, é destruir a humanidade que há nesse outro ser. Um exemplo de tentativa de superar a escassez, é por meio do trabalho, que tem um objetivo específico e claro, que é manter-se vivo e em segurança, é a primeira relação com a natureza humana. A humanidade que Sartre comenta, é constituída pelos outros indivíduos, em que existe uma união, um compartilhamento dos homens habita um mundo em que a escassez está presente. Cada homem vivencia a escassez ao mesmo tempo que possui e volta-se para seu projeto individual de ultrapassá-la, uma vez que ameaça sua existência, portanto, sua liberdade e suas ações, por necessidade se organiza em grupos que também possuem o mesmo objetivo. Percebe-se o caráter que tal elemento apresenta de unir projetos subjetivos a um bem social e coletivo, é um problema concreto e da ordem da práxis que mobiliza os indivíduos, impulsiona-os a lutar contra essa condição inevitável, não há como extingui-la totalmente, porém é crucial e indispensável fazer algo a respeito. Assim, está implicado um sentido de humanidade como pano de fundo nessa condição, que implica que não é o Para-si enquanto ser preocupado somente com a sua liberdade e seu projeto, mas no impacto que isso causa nos demais homens, é uma reflexão e ao mesmo tempo instinto de coletividade, de cuidado, de acolhimento com o Outro. Uma vez que conforme a fala de Sartre notamos:

[...] é necessário viver, comer, trabalhar, lutar contra a exploração, contra a opressão e a colonização, [porém] as lutas presentes não tem princípios teóricos ou valores por origem (...), mas sim – diretamente ou através das mediações – a urgência absoluta das necessidades. (SARTRE, 1985, p. 337).

Nessa citação, o filósofo remonta a outras necessidades que são fundamentais para conseguir se manter na existência de uma forma ativa, visto que

o Para-si possui essas condições, as quais já se encontram antes no mundo, no entanto pode negá-las ou mantê-las, cabe ao mesmo agir sobre as mesmas. Pois, sabe-se que conforme o existencialismo sartreano, de antemão o homem não é nada, é um ser-aí lançado no mundo, é por meio de suas ações que vai constituindo-se enquanto indivíduo, sem fechar-se em si mesmo, nunca possuindo uma essência, posto que não é um ser em si mesmo, mas sempre em abertura as contingências e situações. Assim sendo: “O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz.” (SARTRE, 1973, p. 12).

O homem ao viver em coletividade, não almeja somente a manutenção de sua vida, e então por sua liberdade, suas ações, escolhas, ele almeja também a liberdade alheia, por meio desses exemplos práticos de luta, para combater o que coloca em risco todos os homens, é que percebemos esse desejo de preservação do gênero humano com todo o grau de complexidade que carrega no seu interior. Na seguinte afirmação de Sartre constatamos isso: “(...) se meu desejo o constitui como bem social, porque meu desejo é a expressão concreta da totalidade” (1983, p. 122). É com a totalidade e com um bem social que no fundo as lutas dos homens se expressam no fenômeno da escassez. Ela desperta o desejo de proximidade entre os seres semelhantes, dessa maneira a escassez suscita uma reciprocidade de sentimento, de sofrimento, de angústia, mas também de busca de um fim comum, de luta e ação ativa na existência humana, pois é ““em seu campo social”, considerado sob seu aspecto mais imediato, que o homem faz a aprendizagem de sua condição.” (SARTRE, 1967/1985, p. 66).

O homem aprende então a se fazer homem, a incessantemente se fazer enquanto projeto, aprendendo por meio de sua condição humana, que são justamente o meio o qual está inserido, sua cultura, raça, País, a materialidade que proporciona um primeiro pano de fundo para que desempenhe sua liberdade. Com isso, especificamente como está sendo abordado a escassez, essa não tem somente um significado ou remete a falta de um único elemento, mas sim se revela das mais diversificadas maneiras como: escassez dos produtos, da mão de obra, escassez de empregos, escassez de consumidores, de material técnico, escassez de dinheiro,

entre tantos outros tipos. Na fala da filósofa francesa Jeannette Colombel mostra esses agravantes que causam conflito e tantos malefícios aos indivíduos e aos grupos:

A escassez se desloca, se acumula e conquista até mesmo os elementos naturais: a água, oxigênio, em razão de uma poluição que provoca a produção qual a energia, os terrenos, os efeitos mudam sem cessar. O desenvolvimento técnico e produtivo não impede a fome no mundo, os genocídios por definhamento, a clivagem acentuada entre um terceiro mundo totalmente desprovido e as sociedades abastadas.” Além disso: “a reivindicação de um tempo livre anula não somente as normas da produção capitalista, mas a homogeneidade de uma sociedade industrializada e burocrática onde o tempo é corroído por todos os lados: trajetos, caminhadas, controles, em um desconforto cotidiano (...). É ainda necessário aceitar a autonomia existencial, isto é eventual angústia de decidir sobre seu tempo. (...) sabe-se que, para aqueles que podem fazê-lo, a tentação do tédio, da náusea dos domingos ou do vazio da aposentadoria não está excluído, pois já estamos habituados à escassez de um tempo que nos distrai de nossa existência.” (1985, p. 544).

Com essa citação de Colombel que nos presenteia com os diferentes significados e ramificações de escassez, desde elementos químicos, quanto de meio ambiente, de tecnologia, capitalismo, tempo livre, é possível notar que a escassez sempre esteve presente em alguma medida no mundo, nas diferentes culturas, com todas suas particularidades e manifestações. Ela é uma constituinte histórica, social, econômica que perpassa diferentes estágios, independentes de raça, cor, credo, região, é uma estrutura que se apresenta materialmente e possibilita uma tentativa de melhoria humana, de progresso, apesar de suas contradições. Como vimos, apesar de avanços científicos, tecnológicos, melhorias na saúde, em educação e em todos os outros componentes sociais, não há a extinção da escassez e dos problemas que causa, porém não se pode negligenciar de que o homem não consiga dar conta de muitos acontecimentos ou problemáticas que lhe aparecem. Isto significa que “o homem pretende mudar o mundo que o esmaga, isto é, agir pela matéria sobre a ordem da materialidade: portanto, mudar-se a si mesmo.” (SARTRE, 1960/1985, p. 224).

Salienta-se que essas questões tanto da ordem da escassez e as implicações que estão ligadas a mesma, que são de ordem social, econômica, política, histórica

que perpassam questões concretas da materialidade, possuem também muito das teses marxistas, Sartre em sua obra *Crítica da Razão Dialética* remonta a elas e se posiciona sobre as mesmas. No entanto, aqui nesse trabalho, não entraremos nas mesmas, devido ao objetivo que se centra em apresentar a escassez de uma forma mais geral e as consequências das mesmas, principalmente como se dá as interações entre os homens com a mesma e entre si nessa situação. O que por si só encaminha para um sentido moral, pois o próprio Sartre caracteriza a escassez como um primeiro estágio para um problema moral. Um breve exemplo da fala de Marx quanto aos elementos materiais necessários para a existência humana e sua manutenção e, portanto, de ordem de sua segurança, ligados a possibilidade de operar sobre a Sociedade, modificar a realidade e fazer-se enquanto ser histórico é o seguinte:

O primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder fazer história. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos (MARX; ENGELS, 2007, p. 32-33).³

8

A fala marxista vai de encontro com a reflexão de Sartre a respeito da materialidade e a interação do homem com a mesma: “[...] o homem é justamente

³ Um outro exemplo concreto que perpassa o reino da escassez é o trabalho. Sartre comenta a respeito do mesmo na *Crítica da Razão Dialética*, quando comenta sobre os operários, fábricas, as relações entre os patrões e funcionários, além disso da relação do homem com a máquina, entre outras funções e situações. Como remontou-se a Marx com a citação no corpo do texto a fim de complementá-la traz-se também uma outra fala dele a respeito do processo de trabalho e o processo de valorização, Marx considera: O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla o metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2013, p. 255).

essa realidade material pela qual matéria recebe suas funções humanas.” (2015, p. 279). Há uma união e imbricação do homem enquanto ser material e real no mundo e da matéria a qual ganha sentido pela ação humana, com isso pode ser suscetível de significar que o homem só possui um sentido ou uma razão por estar na existência por ter justamente como sua primeira condição de possibilidade o meio material em que se encontra inserido, ao mesmo tempo que a materialidade só adquire sentido pelas ações humanas que lhe doam significado, finalidades, operam sobre elas, é uma iteração e relação indispensável.

É por meio de sua liberdade, enquanto primeira condição do homem que é possível modificar a estrutura a qual se encontra, ou seja, modificar e fazer a história, ao mesmo tempo que se faz enquanto projeto humano. Isso vai de encontro a materialidade que se encontra, tudo o que reporta de anterior as suas ações, as ações de outros homens que vieram antes, para os que virão após sua existência. É um caráter universal que liga toda a humanidade, e é um dos legados a busca por existir em meio ao fenômeno da escassez, como diz Deise Quintiliano:

Se, ontologicamente, o fundamento da realidade humana é a liberdade, do ponto de vista histórico é preciso conciliar essa liberdade com a necessidade, advinda da escassez material, pois para o materialismo histórico, a liberdade não é o fundamento do homem, mas sim o resultado de uma relação positiva do homem com a necessidade de prover sua própria existência material. (2011, p. 10).

E ao tentar essa conciliação entre a liberdade humana com a necessidade do mundo material, é ao mesmo tempo dizer que isso se dá em um contexto conjunto com todos os homens que conseguem inevitavelmente vivenciar a escassez. É a possibilidade de conforme Franklin Leopoldo e Silva: “a liberdade (...) não é um estado ou um predicado, mas sim um movimento. (...) Como esse movimento constitui o ser do para-si de modo a que ele nunca seja constituído, o próprio para si se define pelo movimento que o faz ser.” (2003, p. 46). Com isso pode-se dizer que o homem é na medida em que faz-se a si mesmo, e faz em um contexto histórico, entre outros homens. Ele se modifica, está em situação, assim criar-se a si mesmo enquanto homem, é criar-se enquanto ser concreto, suas ações refletem nos projetos alheios, portanto as ações humanas são universais, como diz Sartre a

respeito da responsabilidade: “Nossa responsabilidade é muito maior do poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira.” (SARTRE, 1987, p.7).

É essa responsabilidade que o homem carrega para toda a sua existência, que possibilita pensar uma ordem moral, não no sentido de imperativos ou leis morais, mas de uma moral de criação, concreta, com os problemas e situações reais, tais como o fenômeno da escassez em suas mais diversas modalidades e com suas consequências. O que permite que os homens reflitam a respeito de seu sentido de humanidade e para que consigam preservá-lo em uma Sociedade a qual parece com agravantes como a fome, a miséria, guerras.

A busca por um sentido moral

Sabendo que a escassez representa um entre tantos fatores que colocam a existência humana em risco, ao mesmo tempo que a mesma é constituinte do homem, já os coloca em um grau de interação, de intersubjetividade e de um coletivo. Posto que se trata de um acontecimento social, se faz necessário abordar um sentido moral a fim de que se busque preservar a dignidade e a humanidade do homem. Pois, conforme Sartre: “minha existência é de ser ao lado dos outros.” (2001, p. 612). Isso representa que o homem deve reconhecer-se enquanto em relação com outro homem, dotado de *carne e osso*, que sofre, padece, possui suas angústias e que também está na incessante busca por fazer-se enquanto projeto. Uma vez que os homens ao agirem, ao desempenharem suas liberdades, acabam influenciando os projetos dos outros, vale lembrar que já estão investidos por um sentido moral. E Sartre diz que: “É somente pela liberdade que se age, e é só praticando a ação que saber-se-á se a mesma é moral ou imoral.” (2011, p. 145).

Sartre comenta que a moral é construída pelos homens, uma vez que os mesmos não possuem uma essência definida, estão sempre em situação e fazendo a si mesmos, ele compara a arte e a moral, em ambas possui criação e processo, ou seja, em ambas o ser inventa algo, espontaneamente sem ter um fim a priori. No *Existencialismo é um humanismo*, está presente esse comparativo:

O que há de comum entre a arte e a moral é que, nos dois casos, temos criação e invenção. Não podemos decidir *a priori* sobre o que há a fazer. Creio ter-vo-los mostrado bem ao falar do caso daquele aluno que veio procurar-me que poderia recorrer a todas as doutrinas morais kantianas ou outras, sem achar nelas qualquer indicação; estava obrigado a inventar ele próprio sua lei. (SARTRE, 1973, p. 24).

Nota-se a crítica que Sartre faz a moral em Kant a qual sabe-se parte da lei formal, do imperativo categórico. Em Sartre isso não ocorre, pois não há nada no mundo ou alguém para além de nós que possa nos orientar, não há regras ou leis que deem conta da existência humana, é o ser em situação com todas as contradições que encontrará ao longo da vida, e isso é um processo árduo e incessante uma moral que possa perpassar a liberdade e a responsabilidade. A moral, portanto, possui um fator decisivo que é a história, o contexto, o âmbito social, são as condições de possibilidade, implicando um movimento e um inacabamento, portanto a moral será em situação. Sendo construída pela subjetividade de cada indivíduo e pelo coletivo, em sua obra póstuma *Cadernos para uma Moral*, Sartre menciona:

Há quem se dirige a exigência moral? Ao universal abstrato? Mas ele perde todo o sentido e se torna abstrata ela mesma, e formal; já que a situação concreta, isto é, social, pode mudar. Se se lhe diz: age de tal ou tal forma, todas as coisas se igualam, além de tudo a exigência perde todo o seu sentido porque ela se refere ao eterno retorno. (SARTRE, 1983, p. 14, tradução nossa).

A moral é escolhida pelos homens, ela não está fechada em um fim, em um universal abstrato, ela deve ser concreta, histórica, engajada nos problemas reais e da materialidade, Sartre diz que a moral: “Nenhuma moral geral poderá indicar-lhe o caminho a seguir; não existem sinais no mundo. (SARTRE, 1973, p.11).” Não deve ser uma teoria, pois trata-se de ações, de escolhas que possuem consequências, as quais podem ruir uma cultura, um povo, uma nação, na história da humanidade está repleto de acontecimentos e fatos históricos que nos mostram isso: a perseguição e extermínio dos judeus, os sistemas totalitários como – nazismo, fascismo, Hiroshima, Guerra do Vietnã, entre tantas outras. É por isso que Sartre menciona uma moral ativa: “a moral é uma teoria da ação”, mas a ação é abstrata se ela não trabalha e não luta.” (SARTRE, 1983, p. 24, tradução nossa). Se

faz necessário que além da ideia de moralidade, os sujeitos desempenhem a moral concretamente, no dia a dia, entre seus semelhantes e aqui isso inclui o estrangeiro, o pobre, negro, judeu, independente de credo, raça, crença, visto que é o gênero humano que deve ser valorizado. Pois, todos os seres constroem o mundo, portanto a moral dentro das mais diversas complexidades: “a moral é uma empresa individual, subjetiva e histórica.” (Ibid, 1983, p. 14, tradução nossa). O homem apesar de ser por si ou para-si é individual, particular, porém é um representante do gênero humano, ele é reconhecido pelos outros, enquanto um valor real enquanto um universal real. As ações humanas são universais, uma vez que as ações são prolongadas, “a ação de cada um é necessariamente a ação de todos.” (1983, p. 78).

Desde os primeiros escritos de Sartre já se percebe a presença de elementos morais, isso não se limita aos seus escritos filosóficos os mesmos aparecem igualmente em seus escritos literários, nunca em forma de um imperativo, mas de situações concretas dos personagens. A responsabilidade, a náusea, angústia, autenticidade, engajamento, os outros, o ser em situação, a liberdade, entre outros componentes do existencialismo são fundamentais para se pensar a moral ou um sentido moral em Sartre. É em sua obra inacabada, publicada postumamente a qual já foi referida, os *Cadernos para uma Moral*, que abre a possibilidade de adentrar no terreno da moral no sentido sartreano, em sua particularidade e igualmente grau de complexidade. Eis o desafio que se pretende investigar, a qual o filósofo remete aos mais diferentes assuntos e revisita sua trajetória filosófica, as quais proporciona ao leitor a retomada de suas principais obras e teses.

Considerações finais

Considera-se diante do que foi exposto no presente toda a tentativa de Sartre de expor por meio do fenômeno da escassez desenvolvido em sua obra *Crítica da Razão Dialética*, descrever a partir de um problema concreto, que vai além de suas abstrações e teoria, com toda as suas significações, sobretudo um problema moral, este que se dá em situação, historicamente, sendo constituinte da ordem humana. Da mesma forma que é por meio da liberdade do homem que se encontra no mundo, compartilhando com os demais homens esse fenômeno o

qual não foi escolhido, que os mesmos tentam modificar de alguma maneira a realidade que se encontram, por meio de suas responsabilidades, ao levar em consideração seu projeto, isto é sua própria existência, sua vida, sobrevivência, querer a liberdade alheia enquanto um valor, em manter o gênero humano.

Buscando manter-se vivos na materialidade coletiva, que a escassez está incessantemente presente, a qual a ameaça é latente, e a possibilidade de ruína do sentido humano é sempre um inimigo, o homem no seu âmbito subjetivo e coletivo almeja e sempre se escolhe na afirmação do sentido humano, sabendo que o pano de fundo é que “*não há o suficiente para todos.*” Mas, que é diante dos infortúnios que o todo se fortalece e se une para agir em prol a um fim comum.

Referências

SARTRE, J-P. *Critique de la raison dialectique: Théorie des ensembles pratiques*. 2. Ed. Tome I (précédé de Questions de méthode). Paris : Gallimard, 1960/ 1985.

COLOMBEL, J. *Sartre: un homme em situations*. Paris: Librairie Génèrele Française, 1985.

BOËCHAT, N. C. *História e Escassez Em Jean-Paul Sartre*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2011.

QUINTILIANO, D. *Introdução*. In *História e escassez em Jean-Paul Sartre*. São Paulo: EDUC, 2011.

_____. *Crítica da razão dialética precedido por Questões de Método. Tomo I Teoria dos conjuntos práticos*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

Submissão: 22. 11. 2023

/

Aceite: 15. 12. 2023